

**PORNOGRAFIA E CULTURA DO ESTUPRO: ESTUDO SOBRE A
NATURALIZAÇÃO DE PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER E SUAS IMPLICAÇÕES EM SUA SAÚDE MENTAL**

***PORNOGRAPHY AND RAPE CULTURE: A STUDY ABOUT THE
NATURALIZATION OF VIOLENT PRACTICES AGAINST WOMEN AND
THEIR IMPLICATIONS FOR THEIR MENTAL HEALTH***

Márcio Rubens de Oliveira¹

Haylla dos Santos Silva²

RESUMO

A pornografia apresenta-se como uma das responsáveis pela manutenção da cultura do estupro, reproduzindo a ideia de que as mulheres atuam para satisfazer sexualmente os homens, pois priorizam o prazer masculino e submetem as mulheres a cenas de violência. **Objetivo:** analisar como a naturalização de práticas de violência na pornografia contribui para a cultura do estupro e como isso repercute na saúde mental da mulher. **Método:** análise crítica de vídeos disponíveis na plataforma *Xvideos*. **Análise e discussão:** os vídeos analisados permitiram considerar que a pornografia reproduz padrões comportamentais de poder do homem e submissão das mulheres, que contribuem para a manutenção da cultura do estupro, impactando negativamente nas relações sexuais, sociais e na saúde mental da mulher. **Considerações finais:** As práticas de violência reproduzidas na pornografia refletem e reforçam padrões de comportamento que repercutem tanto na cultura do estupro, como na saúde mental da mulher.

Palavras-chaves: Pornografia; Cultura do estupro; Violência contra a mulher.

ABSTRACT

Pornography is responsible for maintaining the culture of rape, reproducing the idea that women act to sexually satisfy men, as the male pleasure is prioritized and women are submitted to scenes of violence. This paper aims to analyze how violent practices in pornography that became commonplace contribute to the culture of rape and how this affects women's mental health. Through an critical analysis of videos available on the Xvideos platform. The videos analyzed allowed us to consider that pornography reproduces behavioral patterns of male power and female submission, which contribute to the maintenance of the rape culture, negatively impacting women's sexual,

¹ Graduação em psicologia (FAVIP). Especialização em Neuropsicologia (FACREDENTOR). Mestrado em Educação Contemporânea (UFPE/CAA). Doutorando em Educação Contemporânea (UFPE/CAA). Membro pesquisador do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina (UFPE). e-mail: marciorubensoliveira@hotmail.com

² Bacharela em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco - FACESF. e-mail: haysilva97@gmail.com

social and mental health. The practices of violence reproduced in pornography reflect and reinforce behavior patterns that affect the rape culture and women's mental health.

Keywords: *Pornography; Rape culture; Violence against woman.*

1. INTRODUÇÃO

Os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres são constituídos mediante um processo sociocultural, onde, desde o nascimento, meninas e meninos recebem influências, educação, modelações comportamentais e caracterizações de si diferentes, em razão da polarização binária de gênero. Esses modelos de comportamentos foram construídos, historicamente, a partir da concepção de que o homem representa uma figura de poder e de superioridade, enquanto a mulher representa uma figura inferior e de submissão. A hierarquização binária de gênero, que coloca a mulher em uma posição inferior a do homem, faz com que ela não seja vista em sua individualidade, mas, como um objeto que deve se submeter e atender aos desejos masculinos, sobretudo, aos desejos sexuais (LOURO 2009).

O conjunto de comportamentos e compreensões que naturaliza a objetificação da mulher e banaliza formas de violências contra ela define, entre outras coisas, o que em estudos atuais sobre gênero é considerado cultura do estupro. Tal compreensão é reflexo de toda uma construção sociocultural e pode ser percebida através de várias formas no dia a dia. A pornografia, por exemplo, apresenta-se como uma das responsáveis pela manutenção dessa cultura, ela não somente reproduz, mas reforça a ideia de que as mulheres têm o dever de satisfazer necessidades e anseios sexuais masculinos. E, isso mostra-se de maneira muito explícita na maioria das produções pornográficas, as quais priorizam o prazer sexual masculino e submetem papéis femininos a cenas de humilhação e agressões (FONSECA, 2016).

A violência retratada na pornografia afeta, principalmente, as mulheres que estão diretamente ligadas a essa indústria, mas também, pode ser refletida nas mulheres de modo geral (DWORKIN, 2016). Estudos apontam como esses conteúdos distorcem a visão do homem em relação às mulheres e ao sexo, e, como isso acaba afetando as relações reais, ou seja, aquelas que acontecem fora do contexto audiovisual, na vida cotidiana das pessoas.

Tendo em vista que o consumo de pornografia tem se tornado cada vez mais comum e frequente na sociedade e que a violência, principalmente, em relação às mulheres, tem se tornado recorrente em suas produções, estudos que objetivem aprofundar tal temática ganham importância e urgência.

Considerando esses pontos, esta pesquisa buscou reunir informações com o objetivo de analisar como a naturalização de práticas de violência na pornografia pode contribuir para a cultura do estupro e como pode repercutir na saúde mental da mulher. Para uma melhor organização das questões a serem discutidas, foram consideradas as seguintes premissas: a) os papéis binários de gênero desempenhados por homens e mulheres na sociedade reproduzem padrões comportamentais de poder e submissão e representam indicadores de sofrimento psíquico, principalmente, em relação às mulheres; b) as práticas de violência na pornografia contribuem para a manutenção de padrões de comportamentos que repercutem na cultura do estupro e na saúde mental da mulher.

O presente artigo foi organizado de modo a apresentar, inicialmente, um recorte histórico e teórico sobre os seguintes elementos: 1) a pornografia e o lugar da mulher nessas produções; 2) a cultura do estupro e suas estratégias; e, 3) a violência nas relações sexuais e suas possíveis implicações na saúde mental da mulher. Após a estruturação teórica o artigo se dedica a apresentar a metodologia utilizada, os resultados, discussões e análises. Ao final é possível obter informações importantes sobre os impactos da pornografia na estruturação da cultura do estupro, além de outras indicações pertinentes à temática.

2. A MULHER NA PORNOGRAFIA

Apesar de existirem há centenas de anos, as obras tidas como pornográficas nem sempre foram produzidas com a mesma finalidade pelas quais são realizadas atualmente. A pornografia começou a se desenvolver como um instrumento de estímulo sexual a partir do século XIX. Antes disso, as obras escritas ou visuais que apresentavam conteúdos explícitos ou de cunho sexual, considerados obscenos, eram produzidas como uma forma de protesto contra as autoridades políticas e religiosas da época (HUNT, 1999).

Foi no início do século XIX que a pornografia passou a ser produzida, especificamente, com o intuito de provocar apelo e estimulação sexuais. Na sua forma inicial, era apresentada através de gravuras, fotografias e da chamada literatura pornográfica, que apresentava descrições de práticas sexuais com a intenção de estimular o desejo das pessoas leitoras (HUNT, 1999). Além de livros, a pornografia passou a circular em jornais da época, os quais publicavam uma variedade de contos eróticos e muitas vezes exibiam gravuras femininas com os corpos desnudos (AZEVEDO; FERREIRA JUNIOR, 2017).

Com o passar do tempo, bem como, com os avanços tecnológicos, a pornografia foi adquirindo novas formas de produção e de exibição. O surgimento do cinema, a criação das fitas VHS e do DVD, trouxeram uma nova visão aos conteúdos pornográficos e tornaram o seu acesso cada vez mais fácil (BATISTA, 2018; MIRÓ, 2019). No entanto, pode-se afirmar que foi a *internet* a grande impulsionadora da indústria pornográfica. Através dela, a pornografia se tornou ainda mais abrangente e acessível, sendo disponibilizada em uma vasta variedade de *sites* pornográficos e podendo ser consumida em diversos formatos, através de dispositivos tecnológicos como computadores, *smartphones*, *tablets* e etc., de forma gratuita e anônima (MIRÓ, 2019).

Um problema que não se pode deixar de evidenciar é que, a partir do momento em que a indústria pornográfica foi se ampliando e o consumo de pornografia foi se tornando mais fácil e anônimo, notou-se um grande aumento na produção e na busca por conteúdos pornográficos que apresentavam práticas sexuais categorizadas como extremas (BATISTA, 2018).

É importante destacar, também, que desde as primeiras produções pornográficas até a forma como elas se apresentam atualmente, a figura feminina foi sempre representada de maneira objetificada. As práticas sexuais descritas nas obras literárias baseavam-se, sempre, na visão e nas fantasias masculinas sobre as mulheres. Sobre tal questão, Hunt (1999) afirma:

A pornografia, como estrutura de representação literária e visual, apresentou o corpo feminino como um objeto a serviço do prazer masculino. Os homens escreveram sobre sexo para outros leitores homens. Para sua excitação sexual, liam relatos de mulheres fazendo sexo com outras mulheres ou com múltiplos parceiros. A nova comunhão criada por essas complexas interseções de voyeurismo e objetivação pode ter sido

democrática no sentido do nivelamento social, mas quase sempre beneficiava os homens. (HUNT, 1999, p.46).

Segundo Dworkin (2016), pode-se dizer que a pornografia é um produto da supremacia masculina, onde, nesse contexto, o homem é colocado sempre em uma posição de superioridade, deixando evidente o poder de dominação a ele atribuído socioculturalmente. Além disso, afirma que, no ambiente pornográfico, a mulher é representada como um simples instrumento utilizado, unicamente, para satisfazer os desejos masculinos, tendo a sua figura inferiorizada e objetificada, refletindo a condição de subalternidade que lhe foi imposta durante toda a história.

Contribuindo com o pensamento de Dworkin (2016), Silva *et. al.* (2019) acrescenta que a objetificação da mulher não acontece somente através da pornografia, podendo ser observada em várias outras formas e mídias como, por exemplo, propagandas televisivas. Desse modo, destaca que a pornografia se apresenta como uma forma mais explícita e violenta dessa objetificação.

Os papéis de subordinação representados por mulheres, e, de poder representados por homens, podem ser expressos de várias maneiras na pornografia, inclusive, em formas diversas de violência. Dines (2016) cita uma pesquisa americana realizada em 2010, a qual mostra que 88% dos conteúdos pornográficos mais assistidos apresentam algum tipo de agressão física ou verbal contra as mulheres e que, em 77% das cenas, as agressões são praticadas por homens.

A pornografia reproduz e tem se apresentado como um fenômeno importante para a disseminação de práticas que estão diretamente atreladas à naturalização dos papéis hierárquicos de poder e submissão, atribuídos a homens e mulheres. Nesse contexto, percebe-se um aumento significativo no número de conteúdos que apresentam algum tipo de comportamento violento, principalmente, em relação às mulheres. Esses conteúdos são os que parecem mais atrair as pessoas, resultando em uma banalização e naturalização dessas práticas (PINTO; MADUREIRA, 2018).

A naturalização da violência nas relações sexuais tende a se manifestar por influência de aspectos de ordem pornográfica, os quais propagam a ideia de uma cultura erótica onde a

mulher ocupa um lugar intransponível de subordinação. A pornografia cria falsas crenças sobre o sexo e sobre as mulheres, o que resulta em práticas abusivas, as quais acabam sendo reproduzidas tanto nas relações sexuais quanto nas relações sociais cotidianas. Por consequência, acabam contribuindo para a manutenção de uma cultura histórica onde a objetificação do corpo feminino, a violência e o estupro são banalizados (FONSECA, 2016). Essa estrutura que naturaliza e legitima as diversas formas de violência contra as mulheres, como a objetificação dos seus corpos, por exemplo, assume, conforme aponta Freitas e Morais (2019), o que tem sido denominado de cultura do estupro.

3. CULTURA DO ESTUPRO

O termo cultura do estupro entrou em discussão e ganhou cada vez mais visibilidade nos últimos anos, devido ao grande aumento no número de casos de violência sexual no país (ENGEL, 2017). Criado na década de 1970, por feministas americanas, da chamada segunda onda do feminismo, o termo “cultura do estupro” pode ser definido, segundo Freitas e Morais (2019), como:

[...] um conjunto de contingências que são encorajadoras e/ou permissivas com práticas sexuais violentas e por um conjunto de classes de comportamentos sexualmente abusivos, dos mais sutis ao estupro que ocorrem no contexto patriarcal. (FREITAS; MORAIS, 2019, p. 101).

Para se ter uma melhor compreensão do que se refere o termo cultura do estupro é necessário, inicialmente, compreender o significado da palavra cultura. A palavra cultura pode ser definida como um conjunto de aspectos sociais e cotidianos que foram naturalizados e enraizados ao longo do tempo, influenciando assim, a maneira como nos comportamos e enxergamos o mundo (LARAIA, 2001). Desse modo, a cultura do estupro pode ser entendida como a naturalização de comportamentos e atitudes que objetificam a mulher e banalizam formas de violência contra ela.

Mulheres são frequentemente vítimas de algum tipo de violência no dia a dia, mas, devido à banalização desses atos, muitas não têm consciência ou se têm, acabam se calando.

Na cultura do estupro o comportamento sexual violento do homem é visto de maneira normatizada, o que torna a violência ainda mais estrutural e velada (ALMEIDA, 2016).

Esse quadro é resultado de um processo histórico-social onde, a mulher foi colocada, desde muito tempo, em uma posição de subalternidade em relação ao homem, sendo vista apenas, como um objeto de posse masculina e tendo o seu corpo utilizado como um instrumento, para fins reprodutivos e sexuais. Nesse sentido, Dworkin (2016) explica:

A ideologia da dominação sexual masculina postula que os homens são superiores às mulheres em virtude de seus pênis; que a posse física da fêmea é um direito natural do homem; que o sexo é, na verdade, conquista e posse da mulher, sobretudo, mas não exclusivamente, conquista fálica e posse fálica; que o uso do corpo feminino para fins sexuais ou reprodutivos é um direito natural dos homens. (DWORKIN, 2016, p. 205).

Essa concepção vem sendo, sistematicamente, reproduzida ao longo do tempo e apesar de ser discutida e questionada atualmente, continua muito presente e estruturada na sociedade. A cultura do estupro é resultado dessa estrutura e pode ser manifestada de várias maneiras, desde comportamentos considerados mais sutis como assédio na rua ou piadas sexistas, até os mais violentos comportamentos, tais como, estupro e feminicídio (NATIVIDADE, 2019).

Tal estrutura é encontrada em praticamente todas as esferas da sociedade e molda não só as relações sociais cotidianas, mas também, as relações íntimas e sexuais. Jeffreys (2012) afirma que a sexualidade humana é construída socialmente, baseada nas relações de poder e submissão. Em sendo assim, pode-se considerar que enquanto a sexualidade masculina é moldada a partir de um modelo de dominação, a sexualidade feminina é construída para estar a serviço do prazer masculino.

Como resultado dessa construção social, muitos homens não levam em consideração os limites entre o sexo e a violência e submetem mulheres a formas extremas de ameaças e violações. O que se torna ainda mais grave é a naturalização de que comportamentos masculinos austeros e violentos são constitutivos da condição do homem, levando muitas mulheres a se manterem em situações de violência por ausência de rede de apoio, ou, pela manutenção da cultura patriarcal, velando práticas abusivas e violentas, como o estupro, principalmente (LARA, 2018).

4. A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES SEXUAIS E A SAÚDE MENTAL DA MULHER

De acordo com o artigo 1º da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher conhecida como Convenção de Belém do Pará (OEA, 1994), a violência contra a mulher pode ser definida como “[...] qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública ou privada” (OEA, 1994). Esse tipo de violência apresenta-se de várias maneiras, entre elas, destacam-se a violência física e sexual.

A violência física refere-se ao ato de utilizar a força sobre alguém, podendo ser caracterizada por espancamento, tapas, empurrões, puxões de cabelo, chutes, enforcamento ou qualquer outro tipo de conduta que possa causar dano físico. A violência sexual é o ato de coagir uma pessoa a manter relações sexuais contra a sua vontade, através de ameaças ou da utilização da força física (NAVES, 2020).

Essas formas de violência podem causar diversos danos à saúde da mulher. Entre os danos psicológicos estão episódios depressivos, ansiosos e fóbicos, podendo evoluir para transtornos mentais como depressão e transtorno de estresse pós-traumático (MASCARENHAS *et. al.* 2020).

Essas formas de violência que repercutem negativamente na saúde mental da mulher, podem ser compreendidas de maneira normatizada quando praticadas em um contexto de relação sexual. Um exemplo pode ser constatado em produções pornográficas, nas quais, práticas sexuais extremamente violentas e degradantes são direcionadas à mulher, mas acabam sendo consumidas por muitas pessoas como uma forma naturalizada de relação. Nesse sentido Dines (2017) afirma:

Você pode digitar “pornô” no Google e em 10 segundos, ver imagens tão violentas, tão brutais, tão desumanizadoras que tiram o fôlego. Você pode ver as pessoas sendo estupradas, espancadas, eletrocutadas e fisicamente destruídas até o ponto de muitas estarem pensando: “Apenas me mate”. Por que não há indignação? Por que não exigem que as empresas que produzem essa brutalidade se desculpem? Porque essas pessoas são mulheres, e quando as mulheres são brutalizadas em nome do sexo, a violência é invisível. (DINES, 2017, p. 1).

Importante registrar que quando se fala em pornografia não se trata de falar em meras imagens ou fantasias, as atrizes ali expostas são mulheres reais, sofrendo abusos reais. A *fight the new drug*³, uma organização americana anti-pornografia, expõe relatos de *ex* atrizes pornô que contam suas experiências negativas na indústria pornográfica e falam sobre os impactos causados pela violência que foram submetidas durante anos trabalhando nessa indústria. Depressão, abuso de drogas e tentativas de suicídio foram algumas das consequências relatadas pelas *ex* atrizes (FIGHT THE NEW DRUG, 2019).

Por influência da pornografia, a violência nas relações sexuais tem se tornado algo comum e recorrente (FONSECA, 2016). Uma matéria publicada pela BBC Brasil (2019) apresenta uma pesquisa realizada no Reino Unido onde, mais de um terço das mulheres afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência indesejada durante a prática sexual. Dessas, 20% afirmaram que se sentiram magoadas ou com medo. Além disso, das mulheres que foram agredidas fisicamente, 42% afirmaram que se sentiram coagidas a aceitar os atos.

A erotização da violência nesses conteúdos tem influenciado a maneira como os homens enxergam o sexo. As mulheres têm sido vítimas de violência por parte dos parceiros que reproduzem, nas relações sexuais, práticas abusivas, equiparadas às vistas em cenas pornográficas. Desse modo, conclui-se que as práticas violentas apresentadas na pornografia, afeta não só as mulheres que estão diretamente ligadas à indústria pornô, mas também é refletida nas mulheres fora dela (DWORKIN, 2016).

5. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no período entre os meses de março e novembro de 2020, no qual foi realizado, inicialmente, o levantamento bibliográfico. A coleta dos dados foi realizada no dia 13 de setembro do mesmo ano, através da consulta à plataforma de compartilhamento de vídeos pornográficos *Xvideos*, cujo endereço virtual é: www.xvideos.com. A busca realizou-se utilizando o descritor “violência” e, a partir dos resultados, os vídeos foram selecionados

³ Combata a nova droga – Tradução nossa.

considerando os seguintes critérios de inclusão: a) vídeos com duração entre 2 e 10 minutos; b) vídeos com relações heterossexuais entre duplas ou grupais; e c) vídeos que apresentavam formas de violência contra a mulher. Importante destacar que o critério duração adotou a referida temporalidade uma vez que vídeos curtos apresentam níveis elevados de acessos e buscas, bem como, dentro do período de 10 minutos manifestações de violência já podem ser identificadas. Os critérios de exclusão adotados foram: a) vídeos com relações exclusivamente lésbicas; b) vídeos em formato de animação; e c) vídeos em formato de compilação.

Realizada a seleção, os vídeos foram assistidos um a um e os dados foram tratados mediante a criação de categorias para a análise crítica que, conforme o método de análise de conteúdo são capazes de oferecer melhores compreensões sobre os fenômenos estudados (MORAES, 1999).

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir da busca utilizando o descritor “violência” obteve-se um resultado de 39 vídeos. Desses, foram considerados apenas os que apresentavam duração entre 2 e 10 minutos, o que reduziu o resultado para 12 vídeos. Feito isso, os vídeos passaram por uma triagem, onde foram escolhidos aqueles que se enquadravam aos critérios de inclusão apresentados na metodologia e desconsiderados aqueles que se enquadravam em algum dos critérios de exclusão, resultando em uma amostra final de 8 vídeos que foram utilizados para esta pesquisa. A seguir, apresenta-se um quadro com os vídeos analisados, assim como algumas informações como URL, título, duração, descritor, tipo de relação e tipos de violência apresentadas.

QUADRO 1– Vídeos pesquisados na plataforma *Xvideos* com conteúdo relacionado à violência

URL	TÍTULO	DURAÇÃO	DESCRIPTOR	TIPO DE RELAÇÃO	TIPOS DE VIOLÊNCIA
https://bit.ly/3kviF52	Violência à domicílio	3min41s	Violência	Heterossexual	Palmadas; tapa no rosto, enforcamento, asfixia, linguagem coerciva, sexo oral forçado.

https://bit.ly/37C9mN0	Puta fazendo sexo forçado, levando tapa na cara... Slap face	2min31s	Violência	Grupal	Tapa no rosto, linguagem coerciva, asfixia, sexo oral forçado, sexo anal forçado, dupla penetração forçada, enforcamento, puxões de cabelo, palmadas, insultos, imobilização.
https://bit.ly/3m9TsgG	Violada Frente a sunovio	6min29s	Violência	Grupal	Simulação de estupro coletivo
https://bit.ly/35rfjtt	Sadomasoquismo	2min01s	Violência	Heterossexual	Imputação de dor através de acessórios, puxões de cabelo, palmadas, tapa no rosto, enforcamento, mordidas, linguagem coerciva, imobilização com cordas.
https://bit.ly/2FXFq2q	Facialized 18yo babe banged hard	10min00s	Violência	Heterossexual	Insultos, enforcamento, linguagem coerciva, imobilização, sexo oral forçado.
https://bit.ly/35yyoKm	Daisy Get's Slammed By Angry Ex	7min51s	Violência	Heterossexual	Linguagem coerciva e ameaçadora, insultos, palmadas, tapa no rosto, sexo oral forçado, puxões de cabelo, socos.
https://bit.ly/3ojQEj1	Sexo y violencia com mi perra	5min13s	Violência	Heterossexual	Tapa no rosto, enforcamento
https://bit.ly/3mg8b9T	Lorena Vasconcellos fode com violência	4min11s	Violência	Heterossexual	Palmadas, insultos

Fonte: Elaborado pelo autor e pela autora a partir da Plataforma de vídeos pornográficos *Xvideos*.

No processo de análise foi possível constatar que algumas formas de violência se repetem em vários vídeos. Essas características em comum foram agrupadas em duas categorias: 1) Violência física e 2) Violência sexual.

6.1 Violência física

Dos 8 vídeos, 7 apresentaram práticas caracterizadas, de acordo com Naves (2020), como violência física, sendo as mais observadas: tapa no rosto; enforcamento; puxões de cabelo e palmadas. A reprodução de tais atos propaga a ideia de que o homem possui poder sobre as mulheres e que esse poder pode ser exercido através da agressão e da dominação de seus corpos (DWORKIN, 2016.).

Um tapa no rosto, por exemplo, pode ser entendido como uma forma de diminuir a outra pessoa, é a representação de uma subordinação a um ser de autoridade, que nesse caso, é o homem. O enforcamento é uma ferramenta utilizada para exercer força física. Através desse ato, o homem reafirma sua força e coloca a mulher em uma posição de fragilidade. O puxão de cabelo se mostra como uma forma de “domar” a mulher, fazendo com que ela obedeça aos comandos do homem. A Palmada segue essa mesma premissa de dominação, onde o homem sente que assume o comando ao castigar a mulher. Todas essas formas de violência reiteram o lugar de inferioridade e de submissão onde culturalmente a mulher é colocada (DWORKIN, 2016).

Cabe destacar que, mesmo passando a informação de uma violência, isso não quer dizer que necessariamente esse tipo de comportamento sexual não exista de forma prazerosa, pois existem pessoas que sentem prazer ao vivenciar situações de violência na relação sexual. Entretanto, a questão principal não é se a pessoa sente ou não prazer com uma determinada forma de se relacionar, mas sim, que essa informação acaba sendo transmitida para outras pessoas, que podem reproduzir essas práticas não por prazer, mas por uma experiência de dominação em relação à mulher, imputando um sofrimento que talvez ela não queira, mas que acaba se submetendo por algum motivo, como por medo ou por achar que é papel dela satisfazer as exigências sexuais masculinas.

6.2 Violência sexual

Dos 8 vídeos analisados, observou-se que 5 apresentaram práticas sexuais visivelmente forçadas que podem ser caracterizadas, de acordo com Naves (2020), como violência sexual.

Esse tipo de representação leva para as pessoas a imagem de objetificação dos corpos femininos e de que as mulheres devem atender aos desejos sexuais masculinos a qualquer custo.

O título “*violada frente a su novio*” em específico, retrata uma simulação explícita de estupro coletivo, onde a mulher apresenta-se, aparentemente, sob efeito de alguma substância e é obrigada a manter relações sexuais com dois homens contra a sua vontade. O vídeo “Putafazendo sexo forçado, levando tapa na cara... *slap face*” se assemelha ao vídeo anterior, trata-se de uma relação grupal violenta, que claramente pode ser entendida como estupro coletivo. Apresenta práticas extremamente degradantes, onde os homens utilizam da força física e da coerção para submeter a mulher a atos como sexo anal, sexo oral e dupla penetração.

O estupro é uma das formas mais perversas de violência, tal prática reforça uma estrutura de controle e objetificação dos corpos femininos e está alicerçada à ideia de dominação masculina e de submissão da mulher. É resultado de uma construção histórica, cultural e social que, de acordo com Dworkin (2016), pressupõe que a dominação do corpo feminino é um direito naturalmente masculino. A disseminação de atos como esse, contribui para a naturalização de comportamentos sexualmente abusivos que podem implicar diretamente na saúde mental da mulher (NATIVIDADE, 2019; MASCARENHAS *et. al.* 2020).

Os vídeos “Violência à domicílio” “*Facialized 18yo babe banged hard*” e “*Daisy Get’s Slammed By Angry Ex*”, assim como os mencionados anteriormente, também apresentam práticas sexuais forçadas, entretanto, foi possível observar nesses três, o que D’Abreu (2013) define como resistência simbólica, onde as mulheres aparentam, inicialmente, uma certa resistência aos atos, mas, no final acabam demonstrando algum tipo de prazer na prática sexual violenta. Nesse sentido, é importante refletir que

[...] a retratação de resistência simbólica aumenta a aceitação de mitos do estupro. Ela reforça o mito de que a inicial resistência feminina aos avanços masculinos se tornará, ao fim, uma expressão de gozo, reafirmando a crença irreal de que a mulher terá prazer ao ser sexualmente agredida (D’ABREU, 2013, p. 593).

Forçar ou coagir uma pessoa a manter relações sexuais contra a sua vontade é violência sexual (NAVES, 2020). Reproduzir nas relações reais atos como os observados nos vídeos

analisados pode causar inúmeras consequências, incluindo, principalmente, danos à saúde psicológica da mulher (MASCARENHAS *et. al.*, 2020).

Por fim, todos os vídeos analisados para este estudo permitem considerar que a pornografia (re)produz padrões comportamentais de poder e submissão, que contribuem para a manutenção da cultura do estupro. Além disso, dissemina e normatiza formas de violência contra a mulher, como estupro e agressão, impactando violentamente nas relações sexuais, nas relações sociais e, conseqüentemente, na saúde mental da mulher.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente que as práticas de violência reproduzidas nos vídeos pornográficos analisados refletem e reforçam padrões de comportamento que repercutem tanto na cultura do estupro, como na saúde mental da mulher. A violência é naturalizada de forma tão eficiente em suas produções, que muitas vezes não é percebida como violência, mas como uma forma de se expressar sexualmente. Um problema que não se pode deixar de evidenciar é que as pessoas têm baseado as suas práticas sexuais, a partir desses conteúdos, criando uma visão irreal sobre o sexo, baseada muitas vezes na agressão, no estupro e na objetificação da mulher.

280

O estudo desenvolvido e apresentado neste artigo, além da contribuição acadêmica ao aprofundamento da temática pela pesquisadora e pelo pesquisador, possibilitará uma ampliação do conhecimento para a prática psicológica do atendimento com mulheres, que venham a procurar assistência por vivenciarem situações nas quais sofram algum tipo de violência, por consequência, da reprodução de práticas que são vistas em vídeos pornográficos. Contribuirá, ainda, para um debate mais aprofundado sobre os efeitos psicológicos e sociais, decorrentes do consumo de pornografia, além de possibilitar reflexões acerca da cultura do estupro e de questões relacionadas aos estudos de gênero e suas associações com a saúde mental.

Importante destacar que existem limites relacionados à pesquisa realizada, uma vez que o descritor utilizado foi escrito em língua portuguesa. Como a plataforma de vídeos tem alcance internacional, o uso do descritor em língua inglesa e em outros idiomas poderia apresentar um quantitativo maior de resultados. Além disso, a análise quanto ao número de reproduções dos

vídeos selecionados poderia contribuir para a dimensão dos seus alcances, e também, de como essa variável pode ser relevante para avaliar suas influências e impactos nas vidas das pessoas que consomem tais conteúdos. Tudo isso demonstra o potencial que a continuidade dessa investigação possibilita.

Finalizamos com a perspectiva de que mais pesquisas no âmbito da psicologia e das temáticas postas sejam realizadas, de modo a contribuir para que sejam pensadas estratégias de enfrentamento à violência contra a mulher e a todas as consequências decorrentes dela. Os campos das ciências sociais e humanas têm muito a contribuir nessa construção. As sementes estão lançadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. A banalização da violência contra as mulheres e a “cultura do estupro” no Brasil. **Revista Ágora: Políticas públicas, comunicação e governança informacional, Belo Horizonte**, v. 1, n. 1, p. 126-131, jan. /jun. 2016. Disponível em: <https://is.gd/taDAyW>. Acesso em: 5 abr. 2020.

AZEVEDO, Natanael Duarte; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura. **Revista Graphos**, v. 19, n. 2, p. 140-164, 2017. doi: 10.22478/ufpb.1516-1536.2017v19n2.37690. Acesso em: 20 abr. 2020.

BATISTA, Aryani Ferreira. **Olhares do desejo e olhares femininos: o cinema pornográfico feminista de Candida Royalle, suas subversões e limitações representacionais**. 143 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BBC BRASIL. **Fui estrangulada durante o sexo: as mulheres que enfrentam violência em relações consentidas**. 29 nov. 2019. Disponível em: <https://bbc.in/2ThbBwR>. Acesso em 15 set. 2020.

D’ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte**, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. doi:10.1590/S0102-71822013000300013. Acesso em: 17 mar. 2020.

DINES, Gail. Is porn immoral? That doesn't matter: it's a public health crisis. **The Washington Post**, 8 abr. 2016. Disponível em: <https://wapo.st/2HjHa6T>. Acesso em: 10 jul. 2020.

DINES, Gail. Nós conhecemos o abuso quando o vemos, a menos que sejam mulheres que estejam feridas. Tradução de Yhatahaze. **Medium**, 9 ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3ksLLlw>. Acesso em: 20 set. 2020.

DWORKIN, Andrea. Pornografia: homens possuindo mulheres. Tradução de Carol Correia. **Medium**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://solemgemeos.medium.com/introdu%C3%A7%C3%A3o-do-livro-pornography-men-possessing-women-de-andrea-dworkin-b117df8e19c7>. Acesso em 10 jul. 2020.

ENGEL, Cintia Lara. As atualizações e a persistência da cultura do estupro no Brasil. **Texto para discussão, nº 2339, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília**, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8000>. Acesso em: 23 set. 2020.

FIGHT THE NEW DRUG. **10 Ex-porn Performers Reveal The Brutal Truth Behind Their Most Popular Scenes**. 3 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3prOMoZ>. Acesso em: 20 Out. 2020.

FONSECA, André Azevedo da. **O papel da pornografia na cultura do estupro**. Youtube, 1 de jun. de 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3kCGcRD>. Acesso em: 09 abr. 2020.

FREITAS, Júlia Castro de Carvalho; MORAIS, Amanda oliveira de. Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e análise do comportamento. **Acta comportamental**, v. 27, n.1, p. 109-126, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ofxhaV>. Acesso em: 7 set. 2020.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.

JEFFREYS, Sheila. **Como as políticas do orgasmo sequestraram o movimento feminista. Material Feminista**. 2012. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/2012/10/27/escrito-como-as-politicas-do-orgasmo-sequestraram-o-movimento-feminista/>. Acesso em 30 set. 2020.

LARA, Bruna de. Jovens não sabem diferenciar sexo de estupro - e o escola sem partido quer impedir que aprendam. **The Intercept Brasil**, 5 jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3kqAIJw>. Acesso em 29 set.2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org). **Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009. p. 85-94.

MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; TOMAZ, Gabriela Rodrigues; MENESES, Gabriel Medina Sobreira de; RODRIGUES, Malvina Thais Pacheco; PEREIRA, Vinícius Oliveira de Moura; CORASSA, Rafael Bello. Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil 2011-2017. **Rev. Brasileira de Epidemiologia**. Rio de Janeiro, v. 23, supl. 1, 2020. doi:10.1590/1980-549720200007.supl.1. Acesso em: 02 out. 2020.

MIRÓ, Ignácio Mazo. **Estudio de la narrativa pornográfica: evolución del porno comercial**. 2019. 51 p. Trabajo final de grado (grado em Comunicación Audiovisual) – Universitat Politècnica de València. Gandia, 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NATIVIDADE, Mariane Avelar. A cultura do estupro em uma perspectiva psicanalítica. **Unilavras**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3eVR0rG>. Acesso em 29 set. 2020.

NAVES, Débora Pereira. Violência contra a mulher: impactos físicos e psicológicos. **Conteúdos Jurídicos**, Brasília: 23 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jqu1pw>. Acesso em: 29 set. 2020.

OEA. Organização dos Estados Americanos. **Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, “Convenção de Belém do Pará”**, Belém do Pará, 1994. Disponível em: <https://bit.ly/3kp1UrT>. Acesso em: 10 out. 2020.

PINTO, Amanda Duarte Vaz; MADUREIRA Ana Flávia do Amaral. **Pornografia e questões de gênero: Um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades**. 63 p. Relatório final de pesquisa (iniciação científica) – Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2018.

SILVA, Alex Zopelettoda; BORBA, Elton Corrêa de; OLIVEIRA, Marcos Cavalheiro; LIMA, P. M. C. A psicologia e a mulher na pornografia. **Nativa- Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso**, v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://is.gd/cAO2uD>. Acesso em: 3 mar. 2020.

Submetido: 26/04/2022

Aprovado: 03/09/2022